

4 51

7609/1

PANEGYRICO

AO EXCELLENTISS. E REVERENDISS. SENHOR

D. T H O M A Z
D E A L M E I D A,

Principal da Santa Igreja Occidental,
do Concelho de Sua Magesta-
de, &c.

COMPOSTO POR

D. J O Z É B A R B O S A,
Clerigo Regular.

*Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Pa-
triarchado, Chronista da Serenissima Casa de Bragança,
e Academico Real do numero da Historia Portuguesã.*



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Oficina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA,
Impressor do Duque Estribeiro mdr.

Anno de 1739.

Com todas as licenças necessarias.

6010

PALESTRICO
D. THOMAS
D. H. A. MENDAS

Principal da Santa Igreja Occidental
do Concelho de Sua Magestade
de Lisboa

D. JOSE BARBOSA
C. do Real

Escritor de Sua Magestade Real e Imperial de Portugal
e do Reino de Castella e Leão



LISBOA OCCIDENTAL
na Oficina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA
Inspector do Duque Estrangeiro

Anno de 1735

Com todas as licenças necessarias

P A N E G Y R I C O

AO EXCELLENTISS. E REVERENDISS. SENHOR

D. T H O M A Z
DE ALMEIDA.

Quem disse que as Virtudes eraõ o premio de si mesmas, fallou com tanta eloquencia, como verdade. Naõ se podia declarar melhor a excellencia da virtude, porque o mundo por mais que se pretenda mostrar generoso, nunca lhe soube dar o premio merecido. A esfera do mundo sempre he limitada: a esfera das Virtudes he quasi infinita, e naõ pòde corresponder o que he limitado ao que de algum modo he infinito. As Virtudes ou saõ infusas, ou saõ adquiridas: as infusas saõ graça sem merecimento proprio: as adquiridas saõ effeito do tempo, e como este na

4 *Panegyrico.*

peessoa de V. Excellencia he ainda taõ pouco , as tuas Virtudes mais parecem infusas , do que adquiridas. De qualquer destes dous modos , que seja , tem V. Excellencia em si mesmo o premio do seu merecimento , ja que as Virtudes ou por desconhecidas , ou por elevadas naõ tem o premio , que se lhes deve.

Nasceo V. Excellencia na Cidade de Lisboa em 20. de Setembro de 1706. Teve a felicidade de ser filho do Excellentissimo Senhor D. Luiz de Almeida III. Conde de Avintes , do Conselho de Sua Magestade , Mestre de Campo de Almeida , e do Terço da Guarniçaõ de S. Juliaõ da Barra , Governador interino do Algarve , General de Batalha , Gentilhomen da Camera do Senhor Infante D. Francisco , e seu Estribeiro mór , e da Excellentissima Senhora D. Joanna Antonia de Lima. Por hum , e por outro lado he tanto o sangue

53
fanguê illustre , que lhe anîma as
veyas , que bastarà saber se, que pe-
lo paterno he Almeida, e Lima pe-
lo materno , a que se unio o Real
fanguê de Borbon , e o illustrissimo
de Cardaillac , para com taõ gene-
rosas correntes se formar em V. Ex-
cellencia hum Oceano de Fidalguia.

Algumas Familias grandes saõ
como os rios , a que se ignora a ori-
gem; a humas pela antiguidade , a
outras pela confuzaõ dos escriptores:
poucas haverà que naõ estimassem
muito adoecer deste achaque. Daõ
vulgarmente principio os Genealo-
gicos a esta nobilissima Familia em
Fernando Alvares de Almeida. Po-
rêm eu seguindo outras memorias,
que me parecem dignas de toda a
fé pela authoridade dos que as escre-
vem, digo que este Fidalgo foy fi-
lho de Pedro Fernandes de Almei-
da , neto de Fernando Pires de Al-
meida , Alcaide môr de Aveiro, bis-
neto

neto de Pedro Paes de Almeida, que seguindo ou como fiel, ou como Official da sua Real Casa as partes de ElRey D. Sancho II. se retirou com elle para Castella, e depois da sua morte voltou para o Reyno; terceiro neto de Payo Guterres de Almeida, valeroso companheiro de ElRey D. Sancho I. sendo ainda Infante, na batalha do Arganhall, que por ganhar aos Mouros o Castello de Almeida, tomou o appellido de acção taõ valerosa, como ja o fizeraõ alguns Romanos, e na India D. Jorge de Menezes, e Antonio Correa, hnm com o nome de Baroche, e o outro com o de Baharém. Foy taõ estimada a Conquista desta Praça, que o agradecimento publico deu ao animoso Conquistador o appellido de Almeidaõ, como declarando na augmentação a grandeza do seu valor. Era Payo Guterres o Almeidaõ filho de Sueiro Paes, neto de

Panegyrico.

7

de Pelayo Amado , Fidalgo principal da Corte do Conde D. Enrique, que deixou eternizada a sua piedade na reedificação do antiquissimo Mosteiro de Bouro , e casou com D. Munia , ou Marinha Viegas.

Daqui se argumenta que a Familia dos Almeidas he mais antiga, que a Coroa Portugueza na linha dos Principes hereditarios , e Rey-nantes do seu Trono , porque o Er-mitaõ, que vivia no Campo de Ourique , e que avizou ao Principe D. Affonso do feliz , e estranho prodigio , de que havia de ser testemu-nha , se chamava Leovigildo Pires de Almeida. Só hum Almeida devia de ser o Precursor da Monarchia Portugueza , e parece que por esta razão tomou esta grande Familia por empresa particularmente sua susten-tar a gloria deste Reyno com o pre-co nobilissimo do seu valor , e do seu sangue Confessaraõ esta verda-de

de os Reys, e o Reyno, huns coroados de louros pelas victorias, que lhes alcançaraõ os Almeidas; o outro, ou dilatado, ou restituído a seu legitimo Senhor. Naõ fey se foy a gradecimento, ou felicidade desta Familia dos Almeidas descobrir nella a real attençaõ dos Principes, Vassallos, que pudessem dar principio a dignidades, e occupações grandes do Reyno, porque sabemos que D. Francisco de Almeida foy o primeiro Vizo-Rey da India, D. Garcia de Almeida, naõ sendo Ecclesiastico, o primeiro Reytor da Universidade de Coimbra depois de ultimamente trasladada de Lisboa para aquella Cidade: D. Pedro de Almeida o primeiro Presidente do Senado da Camera de Lisboa, e o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeida Patriarca desta Corte em tudo o primeiro, ou se attenda ao nome, ou à dignidade.

Verse-ha o Estado da India augmentado , defendido , e desaggravado com o sangue valeroso dos Almeidas. Verse-haõ as pedras da famosa Dio ainda quentes com o sangue , que derramaraõ estes Fidalgos, desprezando generosamente as vidas em obsequio da Coroa. Verse-ha todo aquelle Estado regado com o sangue desta Familia , que buscava com intrepida ambição os perigos da Asia para satisfazer aos animosos , e fieis impulsos dos seus peitos. Por isso aquella illustre Dio , que foy o theatro das mayores factanhas dos Portuguezes , teve por Capitães a D. Francisco, a D. Pedro, a D. Diniz, a D. Diogo, a D. Lopo, e a outro D. Diogo de Almeida , porque o seu formidavel appellido havia de fazer taõ respeitadas aquellas muralhas, que se lhes naõ atreveria todo o odio dos inimigos Orientaes. Tudo parece que lhes infun-

dia aquelle appellido , que honrou, e se vio honrado no illustre Capitaõ, e primeiro Vizo-Rey da India Portugueza o Grande D. Francisco de Almeida , que depois de merecer pelo valor, que mostrara na Guerra de Granada, a extraordinaria mercè de comer à mesa com ElRey Dom Joaõ o II. na Villa de Alcouchete, o mandou ElRey D. Manoel governar o Estado do Oriente , que havia poucos annos tinha descoberto ao Occidente o famoso D. Vasco da Gama.

Mataraõ-lhe os Rumes em huma batalha naval a seu filho unico D. Lourenço de Almeida , que havia de ser o herdeiro da sua Casa , como ja o era do seu valor , e meditando aquelle magoado Pay huma vingança proporcionada à grandeza da sua dor, preparou a Armada (em cujas forças sustentou sempre que se havia de conservar o respeito das
nossas

50

nossas armas , e não em grande numero de Fortalezas) deu à vèla , e junto a Dio avistou os inimigos , e se começou huma das mais horrorosas batalhas , que vio o mundo. Favoreceo o valor , e a razão a sua causa , e vendo o mar tinto em sangue , cuberto de cadaveres , e de moribundos , humas nãos destrocadas , outras hindo-se a pique , e vagando muitas sem governo á discricção das ondas , não se lhe applacava a ira , e acendendo-lhe a colera o mesmo estrago , e a mesma mortandade , que via , desejava derramar todo o sangue do Oriente por victima da sua indignação.

Naõ sentia a morte do filho , porque ficasse devendo nada à obrigação de Heròe ; sentia como homem , em quem eraõ naturaes os affectos de Pay ; mas como Portuguez , e Almeida sentia mais a injuria , do que o destroço do nosso po-

der. Venceo , e venceria a todo o mundo , se o tivera presente. Porèm no Cabo da Boa Esperança nas areas incultas da Agoada do Saldanha acabou desgraçadamente aquella vida , a que serviraõ de glorioso despreso os Mouros da Asia , e de Granada. Naõ distinguio o animo ao filho do Pay , distinguio-os a differença da morte , porque D. Lourenço morreo pelejando , e D. Francisco morreo desfarmado , sem que se pudesse vingar. Mas a ambos lhes servirà de premio a virtude , porque em si mesma tem a mais nobre satisfação do seu preço.

Verse-ha outro Marte em seu Irmaõ D. Diogo Fernandes de Almeida , Prior do Crato , e se a celebrada Ilha de Rhodes ainda fosse a Corte da Religiaõ de Malta , ella seria testemunha das suas façanhas. Ella diria que este fõ Cavalleiro no Golfo de Macri seguindo por ordem
do

do Graõ Mestre Frey D. Aymerico de Amboise as Galez dos Turcos, que se retiravaõ soberbos com huma preza, mayor pela afronta, que pelo dano, hia taõ picado, que adiantandose com a sua Galè a todo o corpo da Armada, que o seguia, se vio cercado dos inimigos, e taõ valerosamente pelejou, que se recolheo a Rhodes com onze Galez rendidas. Diria que em remuneraçaõ das suas proezas o chamou o Pontifice a Roma, e o tratou com as honras, que merecia a grandeza da sua fama. Diria que encontrando-se com huma poderosa, e bem armada não de Turcos, felizmente a rendeo a pezar de huma obstinada resistencia, experimentando neste conflicto huma evidente prova do favor divino, porque cahindo duas vezes ao mar com o furor da batalha, huma invivivel maõ o livrou do naufragio, a que fazia infallivel o pezo das armas.

Mas

Mas o que não podem dizer as pedras de Rhodes , escrava hoje da tyrannia Ottomana , diz a verdade agradecida dos Historiadores daquella militante, e sempre vencedora Religião.

Verse-haõ muitas Fortalezas de Africa governadas pelos Almeidas , e regadas as suas Campanhas com o seu sangue , como entre outras muitas o vio Alcacere no dia infelicissimo quatro de Agosto de 1578. em D. Duarte de Almeida , e em seu filho D. Lopo de Almeida mortos naquella fatal ruina da Monarchia Portugueza.

Nem todos seguirão a guerra , porque esta Familia deu muitos Embaixadores ao Imperio , a Inglaterra, e a Olanda , Vedores da Fazenda, e Casa Real, Ayos aos Infantes, Guardas-Mores aos Reys, e ao Estado prudentissimos Conselheiros ; e bastará dizer que passando ElRey
D.

D. Sebastião a sepultar em Africa toda a gloria do seu Reyno , ordenou que D. Antonio de Almeida não fahisse de Lisboa , como quem entendia , que segurava a conservação da Corte com a prudencia , e authoridade de tal pessoa , ou que hum só Almeida bastava para reparar a ruina de todo Portugal.

A esta fidelissima , e valerosissima Familia deve Portugal huma grande parte da sua desejada liberdade, porque D. Miguel de Almeida , a quem faziaõ mais veneravel oitenta annos de idade, foy o primeiro , que com a espada na mão aclamou Rey a D. Joaõ VIII. Duque de Bragança , e a sua boca foy a porta, por onde se abriraõ as felicidades de Portugal: a cujo zelo , e valor agrade-cida aquella Magestade suscitou na sua pessoa o titulo de quarto Conde de Abrantes , como bisneto de D. Joaõ de Almeida segundo Conde da

daquella Villa, e lhe deu os honorificos, e merecidos lugares de Conſelheiro do Eſtado; Mordomo Môr da Rainha; e Vedor da Fazenda Real.

Miſterioſamente parece que ſe unio a Caſa de Avintes com a de Villa-Nova de Cerveira, porque a ſua origem ſobre antiga, he taõ illuſtre, que D. Fernando Ayres Baticella, tronco deſta Familia, era ja hum Fidalgo de tanto eſplendor, que casou com Dona Teresa, filha de D. Bermudo Peres da Trava, e de ſua mulher a Infanta D. Urraca Enriques, filha do Conde D. Enrique, e da Rainha Dona Teresa, nobreza taõ grande, que póde ſatisfazer a mayor vaidade. Deſte caſamento ſe foraõ deduzindo por continuada baronia os Senhores deſta nobiliſſima Caſa atè ſeu decimo terceiro neto D. Francisco de Lima, quinto Viſconde de Villa-Nova de Cerveira,

ra, que na falta de Varaõ successor da antiguidade de sua grandeza, e Estados, casou sua filha herdeira com Luiz de Brito, e Nogueira, Senhor dos Morgados de São Lourenço, e São Matheus de Beja, e foy o VI. Visconde.

Quem reparar na adusta Africa, a verà fertilizada com o sangue do quinto Visconde D. Francisco de Lima, e de D. Diogo Lopes de Lima, mörto como fieis, e valerosos Vassallos na presença de seu Rey D. Sebastiaõ. Conhecerà hum D. Jeronymo de Lima, que illustrou com as suas accões esta regiaõ, e a da Asia, e deu taes provas de valor em companhia do Scipiaõ Portuguez daquella idade o Conde Prior Capitão de Ceuta, que em huma ariscada occasiaõ, morto o cavallo, se vio derribado, e feria sem duvida cativo dos inimigos, se o não soccorrerá aquelle intrepido Cavalleiro,

a quem o Conde Prior , como Fidalgo , e valeroso , agradecia publicamente o beneficio da sua liberdade. Passou depois à India , aonde servio com o Governador Nuno da Cunha na tomada de Quiloa , e na de Goa com o terror da Asia o incõparavel Albuquerque , e cahindo mortalmente ferido, e soccorrendo-o seu Irmaõ D. João de Lima, elle lhe respondeo animosamente, que fosse adiante servir a ElRey, porque elle ficava ja no seu lugar satisfazendo à obrigação de quem era.

Seguirão-no espiritos militares D. João de Lima, famoso defensor de Calecut, Jorge de Lima, Capitaõ de Chaul, D. Duarte, morto na Costa do Malabar, D. Antonio, D. Francisco, e outro do mesmo nome, Capitaõ de Ormus, D. Diogo de Lima, Capitaõ de Cochim, que approvou a briosa resolução de D. Enrique de Menezes o Roxo, Governador

vernador da India no desembarque em Calecut , em cujo sitio morreão a ferro D. Duarte, e D. João de Lima. Que direy de D. Manoel de Lima, que com quinhentos Portuguezes foy huma illustre parte da grande batalha de Dio , e de cujo valor foraõ arrazadas testemunhas Antote, Goga, e Gandar? De hum D. Paulo de Lima, Capitaõ de Chaul, que fez accções taõ heroicadas em obsequio do Imperio Asiatico , que Diogo do Couto, Chronista Mõr do Estado da India, lhe escreveu a vida em volume separado, e voltando para o Reyno, morreo de sede na Cafraria, porque lhe faltava o sangue dos Mouros do Oriente.

Naõ foraõ inferiores os descendentes deste nobilissimo Tronco na Europa, porque o primeiro Visconde D. Leonel de Lima foy o Capitaõ, que alcançou mayor numero de victorias nas Guerras de El Rey

D. Joaõ o I. Achouse com os Infantes em Tangere, e com ElRey D. Affonso V. quando ganhou Alcace-re, e Arzilla. Fernando de Lima foy taõ valeroso, que affirmava delle o Principe perfeito D. Joaõ o II. de quem foy Copeiro môr, que com huma lança, e huma adarga na mão fazia conhecido excessõ a muitos, e que para qualquer grande acção só a elle o elegeria por companheiro. Testemunho verdadeiramente digno da mayor veneração por ser de hum Rey, que no valor fez a todos os Principes a mesma differença, que lhes fez na politica. Ainda em os nossos tempos vimos a D. Diogo de Lima IX. Visconde de Villa Nova de Cerveira, que depois de se graduar Doutor em Theologia na Universidade de Coimbra, sendo Collegial do Collegio Real, com a herança da Casa seguiu as armas, que governou na Provincia de EntreDou-
ro,

ro, e Minho, e foy Confelheiro do Estado, Eftribeiro Môr de El-Rey D. Affonso VI. e Presidente da Junta do Commercio.

De taõ illustres, e generosos Ascendentes se formou a linha paterna, e materna de V. Excellencia, que veyo à luz do mundo, como ja disse, em 20. de Setembro de 1706. Se se examinaõ, e observaõ com etrupulosa attençãõ os dias dos nascimentos para delles se levantarem figuras, e se prognosticarem os successos da vida, grandes circumstancias concorreraõ em o nascimento de V. Excellencia, porque o dia 20. de Setembro era venerado pelos discipulos de hum Filosofo, porque nelle havia nascido seu Mestre, julgando como prudentes, que merecem particular distincçãõ aquelles dias, em que nascem os grandes homens, porque elles são os que honraõ os dias com a nobreza das suas

suas acções. Neste dia, conformandome agora com a opiniaõ de alguns, nasceo Romulo, que abriu os alicesses àquella Cidade, que como o progresso do tempo se fez Senhora do mundo, e como para a grandeza deste dia era pouca toda a grandeza temporal, nelle nasceraõ Religiosa, Ecclesiastica, e Sagradamente dous Vigarios de Christo, Simplicio, e Dono II. e nelle se co-roou Joaõ XX. por Soberano Principe da Igreja Catholica. Naõ fallo em muitas victorias, que fizeraõ celebre a memoria deste dia, porque se me faz mais memoravel por apparecer nelle o Sol de cõr de purpura. Julgaria o mundo, que isto seria predicçaõ de alguma fatalidade, mas o tempo, que costuma ser o interprete, naõ só fiel, senaõ desengana-do, mostrou que aquella cor era prognostico das Sagradas vestes, com que haviamos de ver a V. Excellencia

cia

cia assistindo no Coro.

Com o nascimento de V. Excellencia se multiplicou a alegria de seus Pays Excellentissimos, porque sendo as Cazas dos Grandes huma representação do Cèo, quantas mais são as estrellas, que o adornaõ, tanto mayor he a sua gloria. Não se diminue a luz, quando se diffunde, mas antes se faz mais digna da attenção, quando dilata por mais partes os resplandores. Os corpos opacos são a injuria da luz, porque não recebem em si a utilidade do seu beneficio; e quantos são mais os còrpos transparentes, em que imprime o seu candor, tanto mais se admira a magestade do seu imperio. Não se argumenta a fecundidade do terreno de hum só fruto, conhece-se quando são muitos. As arvores agigantadas nos troncos, e adornadas de folhas sem frutos, que as coroem, ainda que sejam pomposas para a vista,

vista, não tem utilidade. A esterilidade dos frutos sempre accusa defeito na planta, e quanto for mayor o seu numero, tanto mais estimada se farà. São os filhos a coroa dos Pays, e pelo numero das suas imagens se hàde medir a grandeza da sua Coroa.

Quem nacia, como V. Excellencia, para huma Dignidade tão grande, havia de receber o Sacramento do Bautismo da mão de hum Ministro, que estava destinado para as mayores Dignidades da Igreja. Este foy o Eminentissimo Senhor. D. Thomaz de Almeida, Prior naquelle tempo da Paroquial de S. Lourenço, e já nomeado Bispo de Lamego, que depois de Bispo do Porto, Governador das Armas, e Relação daquella Cidade, he hoje Patriarcha de Lisboa, Capellaõ Mor, do Conselho do Estado, e hum dos Padres Purpurados do Sacro Collegio do